

DISCUTINDO GÊNERO ENTRE IDENTIDADES PLURAIS E AS MUDANÇAS VOCACIONAIS NA DÉCADA DE 1970¹

ARRUDA, Lucileide Procópio de²

Universidade Estadual da Paraíba

lucileide.arruda@gmail.com

BÉLENS, Jussara Natália Moreira³

Universidade Estadual da Paraíba

jussarabelens@gmail.com

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo abordar como a inclusão de jovens mulheres na formação técnica agrícola, no ano de 1973, possibilitou a construção de outras identidades de gênero. A temporalidade de estudo escolhida decorre do ano de 1973 a 1975, período pelo qual fora implantado o curso técnico em Agropecuária no Colégio Técnico Agrícola Assis Chateaubriand de Lagoa Seca – PB, e formada a primeira turma do referido curso. Do mesmo modo, fora também na década de 1970 um momento de grandes mudanças em relação à participação das mulheres em diferentes lugares sociais, até então restritos aos homens. Tomamos como objeto de estudo duas ex-alunas: Neuza dos Anjos e Glória Maria Sônia de Araújo Silva, da instituição supracitada, objetivando conhecer as subjetividades de gênero que cercavam estas jovens, assim como visando conhecer o processo construtivo de suas novas identidades plurais de gênero. Utilizamos como metodologia a análise da documentação escolar contida no arquivo da

¹ Este trabalho é fruto da pesquisa “Memórias de Gênero: Uma Análise da História do Colégio Agrícola Assis Chateaubriand, em Lagoa Seca - PB, e sua contribuição na reinvenção de Campina Grande como a cidade da Educação”, desenvolvido de agosto de 2013 a março de 2014, sob a orientação da professora Dr^a. Jussara Natália Moreira Bélenes.

² Graduanda em História pela Universidade Estadual da Paraíba.

³ Professora Doutora do Departamento de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Estadual da Paraíba.

escola, em especial, as fichas de matrículas e os diários de registros das aulas do ano de 1973. Deste modo, construímos fontes orais a partir da realização de entrevistas com as referidas ex-alunas em conjunto com a análise de aportes teóricos condizentes aos estudos de gênero, apoiando-se, maiormente nas contribuições de Guacira Lopes Louro (2010). Logo, no decorrer da pesquisa verificou-se que a instituição atuou na quebra de barreiras entre o espaço privado (feminino) e o espaço público (masculino), permitindo assim a inclusão de gêneros em espaços anteriormente divididos dicotomicamente por uma dada cultura social patriarcal ocidental.

PALAVRAS-CHAVE: Formação Profissional. Identidade. Gênero.

ABSTRACT:

This article aims at dealing with how the inclusion of young women in the agricultural technical formation, in the year 1973, enabled the construction of other gender identities. The temporality chosen for this study corresponds to that from 1973 to 1975, period in which the vocational training in Agriculture and Cattle Raising was introduced in the Assis Chateaubriand Agricultural Technical School of Lagoa Seca – PB, and where the first group of such training was formed. Likewise, the 70s was a moment of great changes concerning the participation of women in different social positions, restricted to men until then. We chose as objects of study two ex-students from the mentioned school: Neuza dos Anjos and Glória Maria Sônia de Araújo Silva, intending to identify their gender subjectivities, as well as the constructive process of their new plural gender identities. As methodological procedures, we utilized the analysis of the school documents contained in the school files, specifically, the enrollment forms and the daily attendance registers from 1973. As a result, we produced oral sources by means of interviews with the ex-students just mentioned together with the analysis of theories regarding gender studies, mainly, those supported by Guacira Lopes Louro (2010). Therefore, during this research, it was verified that the institution endeavored to break down the barriers between both private space (feminine) and public space (masculine), permitting, thus, the inclusion of genders in spaces previously divided dichotomically by a given occidental, patriarchal, social culture.

KEY-WORDS: Vocational Training. identity. Gender.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo abordar como a inclusão de jovens mulheres na formação técnica agrícola, no ano de 1973, possibilitou a construção de outras identidades de gênero.

Neste estudo, tivemos como lócus de pesquisa o Colégio Agrícola Assis Chateaubriand, localizado na cidade de Lagoa Seca – PB, a 10 km de distância do centro de Campina Grande. A instituição foi fundada em 20 de outubro de 1962⁴, período em que funcionava como Ginásio Agrícola Assis Chateaubriand, passando, na década de 1970, a ser colégio técnico agrícola, objetivando uma formação educacional aos/as jovens filhos/as dos agricultores que já desenvolviam informalmente atividades na área e hortifrutigranjeiros.

Segundo Montenegro (2012), a década de 1970 foi um momento de grandes mudanças em relação à participação das mulheres em diferentes lugares sociais, até então restritos aos homens. É nesse viés histórico que se dá a presença feminina no curso técnico agrícola, no município de Lagoa Seca, registrado a partir de 1973, já que o país como um todo vivia a difusão do movimento feminista que reivindicava a participação das mulheres no mercado de trabalho, em meio a um Estado autoritário militar que investia na educação técnica em áreas de conhecimento ligadas a agricultura, indústria e as telecomunicações, abrindo espaço para ambos os sexos.

2. METODOLOGIA

A pesquisa realizada nos arquivos do Colégio Agrícola Assis Chateaubriand, em Lagoa Seca- PB, no período de 2013-2014 nos mostraram que, no ano de 1973, esta instituição de ensino técnico possibilitou a inclusão de mulheres em áreas educacionais de nível técnico que as possibilitaram realizar atividades profissionais reconhecidas

⁴ Dados encontrados na Ata de Fundação de 1962.



socialmente como masculinas, redimensionando, assim, os espaços de formação profissionais para mulheres e homens, em nível local, estadual e regional.

As fichas de matrícula dos/as alunos/as, do ano aqui estudado, apontaram histórias de vida de mulheres que conviveram em um espaço educacional, onde as práticas escolares estavam voltadas para atividades em hortifrutigranjeiros.

3. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A relação entre os documentos do Colégio Agrícola Assis Chateaubriand, e as entrevistas realizadas com ex-alunos/as e ex-professores/as desta instituição de ensino, dialogando com as abordagens dos conceitos de gênero e identidade, teceram a escrita de vida de mulheres e homens que redimensionaram outras identidades de gênero em um cenário histórico/cultural em que as mulheres lutavam por sua inclusão social no mercado de trabalho em diferentes atividades profissionais que já realizavam no âmbito privado.

Assim, percebemos que a instituição de ensino aqui estudada possibilitou outras identidades de gênero, uma vez que jovens moças e jovens rapazes puderam ampliar seus conhecimentos, podendo se profissionalizar e ocupar cargos como técnicos em agropecuária em órgãos estatais e privados e como professores/as de escolas técnicas na área. Por conseguinte, o colégio técnico agrícola ampliou os espaços educacionais e profissionais de mulheres e homens, redesenhando outras identidades de gênero.

Embora muitas mulheres atuassem em atividades que envolvessem o cuidado de animais e agrícola, no âmbito doméstico, foi somente a partir da educação formal que puderam desenvolver essas atividades profissionais em espaços públicos, e serem reconhecidas socialmente como técnicas em hortifrutigranjeiro.



De acordo com Paz e Coatti (2013), esta divisão em espaços privados para as mulheres e públicos para homens decorre da construção histórico-social que fora atribuída a ambos os sexos, de modo que:

A esfera social chamada de privado é entendida como o espaço dentro dos limites da vida doméstica/pessoal e a esfera pública é aquela que se encontra no não-doméstico [*sic*], caracterizado por ser o lugar onde se situam as questões políticas de autonomia e decisão (OKIN, 2008).⁵

Contudo, ao trabalharmos com gênero em nossa pesquisa não objetivamos estudar o papel do homem e da mulher na sociedade ocidental em plena década de 1970, mas buscamos realizar um trabalho pautado na construção e desconstrução destes lugares a partir das identidades plurais possibilitadas pela inclusão feminina no ensino técnico profissionalizante.

Logo, mediante as análises realizadas nos arquivos documentais da escola, mais precisamente nas fichas de matrículas e nos diários das disciplinas do curso em questão do ano de 1973, verificou-se que neste primeiro ano de funcionamento do curso técnico fora matriculado um número muito pequeno de mulheres, um total de 05 (cinco) alunas, enquanto que o público masculino correspondia a 13 (treze) alunos.

Percebeu-se que a maioria do público de estudantes mulheres, ainda se encontrava assentado na velha identidade profissional vocacional localizada na esfera do privado, como afirmou Glória Maria Sônia de Araújo Silva:

[...] possuía mais homens do que mulheres, [...] Porque as mulheres eram mais donas de casa não estavam muito ligadas ao trabalho de campo. Logo, era comum que terminado o curso do Ginásio este público se dirigisse a ampliar seus conhecimentos nas escolas que oferecessem o curso para normalista, ou mesmo que se casassem e se voltassem à vida doméstica⁶.

⁵ *Apud* PAZ & COATTI, 2013, p. 06.

⁶ SILVA, 30 de maio de 2014.



Porém, o que vem a nos interessar neste momento é a quebra desta identidade que aloca o gênero feminino na esfera do privado, por meio de duas ex-alunas de nome: Neuza dos Anjos e Glória Maria Sônia de Araújo Silva, ambas fizeram parte desta primeira turma do curso técnico em Agropecuária do Colégio Agrícola Assis Chateaubriand. E são tomadas como fonte de estudo por nos mostrar que as identidades podem ser múltiplas nos mesmos contextos históricos, pois como afirma Louro (2010), o gênero é responsável pela construção da identidade dos sujeitos, logo:

[...] compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias. Assim, o sentido de pertencimento a diferentes grupos – étnicos, sexuais, de classes, de gênero, etc. – constitui o sujeito [...]. Nessa perspectiva admite-se que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são também constituintes dos gêneros⁷.

Em virtude destas prerrogativas, verificamos por meio das narrativas colhidas através da técnica de entrevista disponibilizada pela História Oral, identificar que ambas às alunas além de fazerem parte de famílias pobres, estas ainda mantinham fortes vínculos com a agricultura, já que como filhas de agricultores desde cedo eram ensinadas a trabalhar no campo na chamada agricultura de subsistência familiar, muito comum nesta região do brejo paraibano.

Fator este que aliado ao curso do Ginásio Agrícola no final da década de 1960 se tornaram os principais influenciadores na formação desta identidade que burlava a vocação profissional dita feminina, como dona do lar ou mesmo professora, pois como revela Neuza dos Anjos:

[...] na 7ª série (oitavo ano atual) e 8ª série (nono ano), a gente já via cadeiras técnicas como agricultura geral e zootecnia geral, tanto os homens como as mulheres, e todo mundo quando

⁷ LOURO, 2010, p. 24.

terminava já tinha uma noção, do que era agricultura e cuidar de animal, de vacinar. [...] ⁸.

Em conformidade com esta representação do lugar social ocupado por ambas as mulheres, ao qual atribuímos esta vocação profissional ao espaço determinado como masculino, Louro (2010) destaca que as mulheres das classes mais pobres das sociedades teriam sido as primeiras a se libertar da esfera do privado (feminino) e a adentrar no público (masculino). Dessa maneira, a autora enfatiza que:

Sem dúvida, desde há muito tempo, as mulheres das classes trabalhadoras e camponesas exerciam atividades fora do lar, nas fábricas, nas oficinas e nas lavouras, contudo, este trabalho sempre foi classificado como de apoio e sobre a direção das ordens masculinas ⁹.

Esta condição de apoio é verificada na narrativa de Neuza dos Anjos quando a mesma afirma que sua ajuda era necessária para a sobrevivência de sua família, já que o ordenado do seu pai não era suficiente:

Eu nasci no sítio e me criei lá na roça, vizinho ao colégio agrícola e meu sonho era fazer este curso, era minha vocação, porque meu pai (agricultor), já lutava com animal, e eu morava numa empresa pública federal do ministério da agricultura e tinha muito veterinários e agrônomos, e eu já desde guria andava nos pés deles para aprender as coisas. Por isso, minha família tinha expectativas boas, meus pais eram pobres e eu tinha que ir trabalhar para ajudar a família, é tanto que quando eu terminei, eu não fiz vestibular para ir trabalhar, meu pai trabalhava como agricultor numa empresa pública mais ganhava muito pouco e eu tinha que ajudar a família. Ai eu me mandei no mundo e trabalhei minha vida toda longe de casa. Só quando eu trabalhei no colégio Agrícola que todo dia eu ia para casa ¹⁰.

Percebe-se aqui que a família, enquanto seu grupo social, não a impediu de ocupar outros espaços profissionais além do doméstico, o que não significa que estes

⁸ ANJOS, 05 de maio de 2014.

⁹ LOURO, 2010, p. 17.

¹⁰ ANJOS, 05 de maio de 2014.



não tenham influenciado na construção da sua identidade gênero que assume traços femininos e masculinos. Tendo em vista que Neuza dos Anjos construiu uma identidade feminina que se baseava em princípios morais, que, por sua vez, definia gravidez e divertimento como empecilhos ao sucesso profissional, tal opção a faz, de certo modo, assumir uma identidade também masculina ao se isentar destas opções destinadas às funções biológicas do gênero feminino, quando a mesma afirma que:

[...] modesta parte levei meu trabalho com seriedade, não vou dizer que toda mulher que faz o curso técnico é bem sucedida profissionalmente, porque infelizmente a mulher gosta muito de se envolver com bebida, com homem, arrumando barriga, jamais uma jovem que bebe, que sai final de semana, que chega fora do horário de trabalho, que arruma barriga logo, tem condições de pegar uma empresa particular como eu peguei, eu trabalhei em várias empresas privadas¹¹.

Logo, esta questão assemelha-se aos estudos de Louro (2010), quando ela ressalta que cada gênero possui um pouco das características um do outro, de forma que “o polo masculino contém o feminino (de modo desviado, postergado, reprimido) e vice-versa¹²”.

Contudo, Louro (2010), baseada nos estudos de Jacques Derrida, e de Joan Scott (1986), observa que as funções diferenciadas, ou as atitudes separatistas entre os gêneros, se constitui como uma forma do gênero masculino se sobrepôr ao feminino, de forma que: “No ‘jogo das dicotomias’ os dois polos se diferem e se opõem, aparentemente cada um é uno e idêntico a si mesmo. A dicotomia marca, também a superioridade do primeiro elemento¹³”.

Em virtude desta observação de Louro (2010) colocamos em evidência a declaração de Glória Maria Sônia de Araújo Silva, quando a mesma afirma que:

¹¹ Idem.

¹² LOURO, 2010, p. 32

¹³ Ibidem, p. 31

No meu curso Técnico Agrícola a maior decepção que tive na minha vida foi quando eu terminei o curso, e estagiei na EMATER, aí o chefe, diretor da EMATER na época Dr. Walter Sobrinho mandou um documento, memorando para o diretor estadual solicitando que eu fosse adicionada no quadro de funcionários da EMATER, devido o bom trabalho que eu tinha feito lá. E aí eu fui pessoalmente levar a documentação [...] e na hora que eu fui falar com ele, ele disse a mim que a EMATER não admitia mulher trabalhar neste lugar, isto foi a maior decepção da minha vida, por que o que a gente aprendeu o homem também aprendeu, o que agente praticava no campo o homem também praticava, então, o nosso campo de trabalho era muito grande e a mulher trabalhava com muito mais habilidade por ter mais bagagem que o homem. [...] ¹⁴.

Neste trecho, verifica-se a sobreposição do gênero masculino enquanto ocupante da esfera pública, sobre o gênero feminino que se viu lesado em sua tentativa de ocupar a referida esfera, tendo em vista que as mudanças históricas sociais ainda não haviam atingido boa parte da sociedade patriarcal, que, por sua vez, negava a ascensão, a competência feminina, ou mesmo as mudanças de identidades que as impulsionavam a mudar de espaço.

4. CONCLUSÃO

Neste artigo, discutiu-se que o Colégio Agrícola Assis Chateaubriand, atual Campus II da Universidade Estadual da Paraíba, tornou-se de grande relevância no cenário histórico que se desenvolvia em plena década de 1970, de modo a atuar na profissionalização da mão de obra feminina da região na agropecuária que até então se detinha ao domínio masculino.

Possibilitando não só a inclusão da mão de obra feminina no mercado de trabalho, mas também a atuação na construção de identidades de gêneros. Tal construção resultou numa quebra de barreiras entre o espaço privado configurado como

¹⁴ SILVA, 30 de maio de 2014.

sendo das mulheres e espaço público, considerado ambiente masculino, isto é, permitiu a inclusão de gêneros em espaços divididos dicotomicamente por uma dada cultura social patriarcal ocidental.

Portanto, um trabalho nesta perspectiva de gênero se faz importante por reconstruir uma historicidade que durante anos fora considerada como irrelevante, vindo a ser discutida e elencada somente com a emergência da Escola dos Annales, que motivou os historiadores de que a História se delineia entre as relações socioculturais em suas múltiplas formas e personagens.

5. REFERÊNCIAS

ANJOS, Neuza. **Neuza dos Anjos**. Entrevista [mai. 2014]. Entrevistadora: Lucileide Procópio de Arruda.

COATTI, Thiago; PAZ, Diego. Gênero e mercado de trabalho: trânsitos entre masculino e feminino nos espaços público e privado. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 1º (Anais eletrônico), Florianópolis, 2013. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386596485_ARQUIVO_ThiagoCoatti.pdf>. Acessado em 27 de outubro de 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MONTENEGRO, Rosilene Dias. Relações de Gênero na Escola Politécnica de Campina Grande (1952-1979). In: SILVA, Fábio Ronaldo da; MONTENEGRO, Rosilene Dias; SANTOS, Sandra Raquew dos. **Gênero e Identidades Sexuais, práticas e representações sexuais**. Campina Grande: EDUFCEG, 2012.

SILVA, Glória Maria Sônia de Araújo. Glória Maria Sônia de Araújo Silva. Entrevista [mai. 2014]. Entrevistadora: Lucileide Procópio de Arruda.

Ata de fundação. 20 de outubro de 1962. Folha nº: 2